



Internamentos por pneumonia aumentaram 27%

Saúde
Andrea Cunha Freitas

Entre 2000 e 2009, quase 90% dos adultos internados com pneumonia nos hospitais do SNS tinham mais de 50 anos

O cenário é preocupante e a aposta na prevenção é crítica. De acordo com um estudo que é apresentado hoje – Dia Mundial da Pneumonia – pela Sociedade Portuguesa de Pneumologia, os internamentos de adultos com Pneumonia Adquirida na Comunidade (adquirida fora do ambiente hospitalar e também a mais frequente) aumentaram 27% entre 2000 e 2009 em Portugal. Entre as pessoas hospitalizadas, apenas 10% tinha menos de 50 anos.

“Tínhamos a noção que esta era uma patologia prevalente mas não esperávamos um impacto tão grande e tão crescente. O peso é superior ao de outros países com o mesmo grau de desenvolvimento”, sublinha Filipe Froes, médico no Hospital Pulido Valente, que, com o pneumologista António Diniz (coordenador do Programa Nacional para a Infecção VIH/Sida), assina o estudo desenvolvido pela Comissão de Infecciologia Respiratória da Sociedade Portuguesa de Pneumologia. De acordo com os dados, os homens acima dos 70 anos foram as principais vítimas de Pneumonia Adquirida na Comunidade (PAC) em Portugal, entre 2000 e 2009.

Entre os oito milhões de episódios de internamento no SNS, houve mais de 294 mil admissões hospitalares por PAC (3,7% do total das admissões). Cerca 56% dos doentes admitidos eram homens com uma idade média de 73 anos. Os dados mostram que a doença está a crescer entre os mais velhos registando-se um aumento de 5% na idade média dos pacientes admitidos. A idade é um factor de risco: 89,6% dos internados tinham mais de 50 anos.

Nem todas as conclusões estão já disponíveis. Porém, sobre a chamada “letalidade intra-hospitalar” por PAC – as mortes nos hospitais – há um aumento num número que já preocupava os especialistas. De 17,3% no período de 1998-2000, as mortes subiram para 20% na década estudada. Dá uma média de 16 mortes por dia. “O risco [de morte] aumenta 4,4 vezes depois dos 50 anos”, sublinha Froes. Estamos, diz o especialista, também perante o possível efeito da

crescente “hospitalização da morte” que faz com que metade das mortes ocorra nos hospitais.

Foi nos doentes com mais de 75 anos que se registou o maior aumento de internamentos (entre 23% e 29%). É o que pode explicar este inesperado aumento? “Um conjunto de alterações demográficas e epidemiológicas”, responde Filipe Froes, constatando que este fenómeno acontece numa população cada vez mais envelhecida. Por outro lado, a norma agora é “envelhecer com doenças”. O que significa que esta população sénior está fragilizada por doenças crónicas que diminuem as defesas do sistema imunitário e favorecem o aparecimento de doenças respiratórias.

Para os especialistas, estes dados podem estar relacionados também com uma maior “facilidade de acesso” aos serviços hospitalares e com falhas na prevenção. A nível da prevenção, o estudo confirma as baixas taxas de cobertura da vacina contra a gripe sazonal entre a população com

294

mil dos oito milhões de episódio de internamento de adultos no SNS, entre 2000 e 2009, tinham a pneumonia como diagnóstico principal

mais de 65 anos, muito aquém dos desejados 75% – facto que poderá mudar com a campanha iniciada este ano que garante a vacina gratuita para este grupo etário. Outro factor a ter em conta é o “atípico” ano de 2009, quando se registou a pandemia da gripe A que terá tido um peso particularmente nos grupos etários abaixo dos 50 anos. Porém, Filipe Froes sublinha que, acima de tudo, os dados recolhidos e analisados dão informação importante sobre o que está a acontecer e devem servir para actuar mais e melhor para tratar este problema de saúde. “Confirma-se aqui que é essencial ter estudos deste género para ter uma dimensão real do problema – nesta e em muitas outras patologias – e que, neste caso, há um grande trabalho a fazer na área da prevenção”, alerta o pneumologista. Medidas preventivas que podem passar por campanhas de vacinação gripal mas também por estratégias mais simples como o simples reforço do aconselhamento para cessação tabágica e por um melhor controlo das doenças crónicas.